

Jazz
12 fevereiro 2012

The Thing + Atomic

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



The Thing

Saxofone Mats Gustafsson **Contrabaixo** Ingebrigt Håker Flaten

Bateria Paal Nilssen-Love

Atomic

Saxofones, clarinete Fredrik Ljungkvist **Trompete** Magnus Broo **Piano** Håvard Wiik

Contrabaixo Ingebrigt Håker Flaten **Bateria** Paal Nilssen-Love

Dom 12 de fevereiro

21h30 · Grande Auditório · Duração: 2h15 com intervalo · M12

Encontro de gigantes

Não é uma surpresa que os grupos The Thing e Atomic partilhem o mesmo palco na mesma noite. A secção rítmica é-lhes comum, proporcionada pelo contrabaixista Ingebrigt Håker Flaten e pelo baterista Paal Nilssen-Love, e ambos os projetos são *joint-ventures* de músicos suecos e noruegueses. Para além disso, e tal como vem referindo a imprensa musical, este trio (Mats Gustafsson, Flaten, Nilssen-Love) e este quinteto (Fredrik Ljungkvist, Magnus Broo, Håvard Wiik, Flaten, Nilssen-Love) fazem parte de toda uma nova realidade do jazz escandinavo que tem procurado contrariar a sonoridade fria e melancólica daquele que é editado por etiquetas como a ECM.

Ainda assim, quando questionados sobre se há um significado maior a retirar deste duplo concerto, as reações dos membros das duas formações são, no mínimo, desmistificadoras. Wiik, pianista dos Atomic, é perentório: no seu entender, a motivação deste encontro de gigantes do Norte europeu é meramente «logística». Ou seja, justifica-se pelo pragmático aproveitamento da presença de dois instrumentistas que calha pertencerem aos dois combos.

Quem se lembra, como o autor destas linhas, que foi precisamente esta coincidência que levou The Thing e Scorch Trio (Flaten e Nilssen-Love também integram o grupo liderado por Raoul Björkenheim) a juntarem-se num explosivo concerto em Coimbra há uns anos, perde a esperança de ver e ouvir The Thing e Atomic, e porque

não, The Thing, Atomic e Scorch Trio, a tocarem juntos naquele que seria, certamente, o espetáculo das nossas vidas. Se as prestações ao vivo de cada uma destas bandas tem habitualmente, só por si, o efeito de uma bomba, imagine-se o que seria encontrá-las às três numa atuação colaborativa...

Bem que o comissário do concerto de hoje, Pedro Costa, lhes lançou o reptode, no final da noite, haver um extra em sexteto, juntando-se Mats Gustafsson, o mentor da fórmula The Thing, aos cinco Atomic, naquela que seria uma mescla The Thing / Atomic. A verdade é que só na hora saberemos se esse desejo vai ter concretização. Seja para criar suspense ou porque não encara a ideia com bons olhos, Håvard Wiik lança a dúvida: «Não me parece que tal venha a acontecer.»

Pela sua parte, Gustafsson deixa tudo em aberto: «A motivação que nos leva a partilhar o palco é o amor pela música e também o amor e o respeito que temos uns pelos outros. Estes músicos são magníficos e tem sido uma experiência incrível a exploração musical que ao longo dos anos vamos desenvolvendo. O Paal e o Ingebrigt são mesmo o eixo à volta do qual tantas coisas estão a acontecer. Não podiam ser mais especiais – não há nenhuma outra dupla assim. Com eles o jazz torna-se telepático. Iremos tocar todos juntos? Quem sabe? Nada é certo na vida ou na arte. Provavelmente, não. Pelo menos ainda nada falámos sobre isso entre nós.»

Há um outro fator que torna esta *double bill* em algo de lógico e até natural. Em paralelo, The Thing e Atomic

têm uma abordagem que vem na continuidade do *free jazz*. O certo é, porém, que o realizam de modos distintos. O legado ayleriano (de Albert Ayler, sem dúvida que a grande referência de Mats Gustafsson) dos The Thing é combinado com a energia do rock, mormente o da linhagem *hardcore* (a junção de *punk* e *metal*) e *garage*, e o que ficou da *new thing* nos Atomic tem matriz no *hard bop* de Sonny Rollins e dos Jazz Messengers de Art Blakey. Se o ascendente *free* pode ser mais um subtema explicativo da junção destes grupos, a verdade é que partem de diferentes entendimentos de tal herança. O que os distingue, seja como for, é também o que permite ao público uma percepção mais alargada do que ficou do *free jazz* na atualidade e ainda aquilo que possibilitaria, ou possibilitará, um diálogo entre os dois projetos.

Quanto a isto, Håvard Wiik, porta-voz de uma banda que se pretende democrática e de direção coletiva, é particularmente “liberal”: «Não nos interessa rotular a música que criamos. Tocamos o que nos apetece e cabe àqueles que nos ouvem estabelecer as classificações, se isso lhes for importante.» Gustafsson diz o mesmo de outra maneira: «O que nos separa é o facto de, simplesmente, sermos pessoas diferentes, à exceção, obviamente, do Ingebrigt e do Paal. Logo, a química resultante também é diferente. Afinal, trata-se de colocar as nossas vozes individuais no processo. Até por isso, não seria surpreendente se surgissem influências das *garage bands* no fraseado trompetístico de Magnus Broo ou se no meu saxofone trans-

parecesse uma mentalidade pós-*bop*. É impossível saber de antemão o que vamos fazer, e é isso que me agrada na improvisação.»

Neste concerto, os Atomic vão dar primazia às composições reunidas no seu mais recente álbum, *Here Comes Everybody*, mas The Thing tem por regra nunca definir por antecipação o que vai ser apresentado. Esclarece o saxofonista: «Temos um *songbook* de centenas de peças, sejam nossas, de figuras históricas do *free jazz* e de grupos de rock como Yeah Yeah Yeahs e White Stripes. É toda uma mecânica que só tem ignição enquanto tocamos. Este é um princípio muito inspirador que fomos buscar ao falecido Per Henrik Wallin. Não há listas de temas conosco. As listas são para os cobardes!»

Tal leitura do passado do jazz e a consequente visão do presente desta música desobriga-os mesmo daquilo que é concluído pela generalidade dos jornalistas e dos críticos. Afirma Wiik: «A noção de que fundámos os Atomic em reação a alguma coisa é um enorme equívoco. Assim como é achar-se que, por não nos parecermos com algum jazz europeu, temos uma orientação “pró-americana”. A nossa música foi construída sobre as longas tradições das músicas compostas e improvisadas da Europa, ainda que alguns elementos venham do jazz norte-americano dos anos 1960 e 70.»

O timoneiro da trupe The Thing vai ainda mais longe: «Pela minha parte estou mais interessado em tocar fora da tradição e em criar uma nova. Adoro a forma como os Atomic lidam com a

herança do jazz, mas não é esse o tipo de intervenção que pretendo ter. Se os Atomic o fazem tão bem, porque haveria eu de o fazer? The Thing dá uso às inspirações dos seus três membros, *noise* extremo, música etíope, a canção *yoik* do povo Sami, *soul*, *punk*, *jazz* da West Coast e outras entidades relacionadas, para criarmos algo que vá mais além. Detesto atitudes conformistas. A nostalgia contemporânea cheira mal, e sobretudo quando vem dos meios do jazz e da improvisação.»

O jazz precisa, então, de ser revitalizado «com diferentes interjeições, outras músicas, outras culturas, outras gentes, numa perspetiva exploratória e experimental». Considera Gustafsson que só com esta abordagem «não se está a pedalar uma bicicleta, como se diz no Norte da Suécia». Assim, não se trata de ir contra o “jazz dos fiordes”, mas de responder a tudo o que está mal: «É algo que temos necessidade de fazer. Porque sim. Porque a sociedade ocidental está como está. Porque os media são o que são. Porque os políticos só têm perspetivas de curto prazo. E porque a rotulagem impede os ouvintes de terem uma experiência aberta da música. Afinal, que “música escandinava” é essa de que se fala? Bengt Nordstrom? Lasse Marhaug? Borge Fredriksson? Lokomotiv Konkret? Só têm de comum, realmente, serem escandinavos e serem músicos... Não acredito em rótulos. É no trabalho em conjunto que eu creio.»

Resta interrogarmo-nos sobre o que acontecerá a seguir a este encontro em Lisboa, proporcione-se ou não o tão ambicionado *grand finale* a que acima se

aludiu. Um desenlace cooperativo entre The Thing e Atomic? O prosseguimento de caminhos distintos? «Sem dúvida que aquilo que decidirmos por nós mesmos. Soube que o Paal e o Ingebrigt planeiam fundar juntos cinco novas bandas em 2013. Vamos lá ver onde é que isso nos leva...», remata Mats Gustafsson.

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista jazz.pt

The Thing

O grupo The Thing foi fundado na primavera de 2000. Três músicos encontraram-se para tocar em vários concertos e gravarem o seu primeiro CD para a Crazy Wisdom, uma subeditora da Universal sueca. Em 2001 gravaram um outro CD na mesma editora, mas em formação de quarteto, com Joe McPhee (ambos os álbuns esgotaram mas estão de novo disponíveis numa caixa que inclui os dois, editada pela Smalltown Superjazz em 2008).

O trio formou uma constelação, há muito tempo desejada, de vários estilos musicais que se encontram para obter um resultado pleno de energia. Todos os membros são influenciados por diferentes tradições da música *free* vinda da Alemanha, da Inglaterra e dos Estados Unidos. Estas influências são para serem sentidas, não necessariamente para serem ouvidas. Quando o trio começou, tocavam, entre outros, temas de Don Cherry. Daí o nome do grupo (*The Thing* é o título de um tema de Don Cherry incluído no álbum *Where is Brooklyn?*, editado em 1996 pela Blue Note). A partir da participação de Joe McPhee o repertório dos The Thing passou a incluir outros *standards* do *free* de David Murray, Frank Lowe e Norman Howard. O entusiasmo do grupo pela música rock é audível quando tocam *To Bring You My Love* de PJ Harvey no segundo CD. Hoje o repertório expandiu-se para incluir temas dos The White Stripes, The Sonics e Yeah Yeah Yeahs. Isto são apenas exemplos para explicar como os estilos musicais estão

hoje, quão parecida é, ou pode ser, a energia e como hoje em dia as audiências tantas vezes se misturam, irmanadas pelo gosto pela música criativa.

The Thing assinou contrato com a editora norueguesa Smalltown Supersound (para quem já gravaram onze álbuns).

Mats Gustafsson é um dos nomes maiores da cena da música *free* sueca e europeia. Através de grupos como Gush, AALY trio e o Chicago Tentet de Peter Brötzmann, firmou a sua reputação como um poderoso saxofonista que de algum modo reinventou a forma de tocar saxofone.

Ingebrigt Håker Flaten e Paal Nilssen-Love tornaram-se conhecidos como a mais poderosa secção rítmica norueguesa. A sua colaboração começou em 1992, e desde então têm trabalhado juntos com diversos grupos como School Days com Ken Vandermark, Scorch Trio com Raoul Björkenheim e os Atomic.

The Thing também toca com Joe McPhee, Ken Vandermark, Otomo Yoshihide e Jim O'Rourke, como convidados do trio.

<http://www.thethingjazz.com>

Atomic

O quinteto Atomic foi criado em 2000. Os seus dois primeiros álbuns, gravados em estúdio, *Feet Music* (2002) e *Boom Boom* (2003) revelaram, aos seus fãs cada vez mais numerosos e aos críticos musicais, um sabor original com uma energia individual e coletiva que poucos grupos de jazz escandinavos conseguem atingir. Ainda que de início fosse pensado como uma espécie de revolta contra o “som escandinavo”, que era exemplificado pelos artistas noruegueses que gravam para editoras como a ECM, os Atomic definem-se por um novo som, único, inconfundível. Uma mistura explosiva de *free jazz* americano com características europeias é como alguns críticos os têm descrito. Ou, melhor ainda, «em parte uma lição académica, em parte uma divertida saída à noite na cidade», é como banda se descreve a si própria e é o que faz que o seu som seja verdadeiramente Atomic.

Não escondendo a sua admiração para com grandes figuras do jazz americano como Duke Ellington, Archie Shepp, Charles Mingus e George Russell, para só mencionar alguns, a música dos Atomic revela igual veneração pelo *free jazz* e a música improvisada da Europa. Olham para as tradições do jazz americano e europeu mais como uma inspiração do que como uma restrição, como um impulso que os conduz à sua própria direção e lugar dentro do jazz.

Os Atomic começaram a fazer digressões mal se formaram e desde 2000 que têm viajado intensamente pela Europa, Japão e Estados Unidos. Editaram

nove CDs, incluindo o *theater tilters Vol 1 & 2*, em 2010, relacionado com o seu 10.º aniversário e com as digressões pelos Estados Unidos, Japão e Europa.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/ Caixa-Carbono-Zero)



Forest Fringe

Um microfestival

Teatro Sex 17, sáb 18, dom 19 fevereiro
(com um espetáculo satélite de 14 a 19)
Vários espaços da Culturgest



19h - Abertura

Watch Me Fall

Vê-me a cair de Action Hero

20h - Aventura

Peças de Bryony Kimmings, Jenna Watt, Mamoru Iriguchi, André e. Teodósio & Cão Solteiro

21h30 - Histórias

Like You Were Before

Tal como eras antes de Deborah Pearson

Hitch

Boleia de Kieran Hurley

23h - Conclusão

Growing Old With You

Envelhecer contigo de Search Party

Ter 14 a Dom 19 - Satélite

Maybe If You Choreograph Me, You Will Feel Better

*Talvez, se me coreografares,
te sintas melhor* de Tania El Khoury

Instalação

Peças de Andy Field, Tim Etchells
e Kieran Hurley & Gary McNair

Forest Fringe é uma organização sem fins lucrativos e gerida por artistas que começou em 2007. Meia década

depois, a sua programação no festival de Edimburgo tornou-se reconhecida enquanto espaço de experimentação, generosidade e aventura comunitária: um oásis no meio do bruaá de Edimburgo, muito do que de mais significativo, comovente e politicamente relevante tem passado pelo festival foi apresentado no Forest Fringe. O espaço recebeu diversos prémios pela sua programação inabitual e arriscada. Trata-se frequentemente de obras delicadas, experiências teatrais e projetos ambiciosos que ainda não estão prontos. E por vezes são peças tão íntimas ou discretas que é importante encontrar o contexto certo para as apresentar.

Os codiretores do Forest Fringe, Andy Field e Deborah Pearson, planearam connosco um fim de semana alargado de espetáculos e outras aventuras na Culturgest. Esperamos que nos traga um instantâneo da experimentação teatral contemporânea no Reino Unido, e que ao mesmo tempo nos inspire a ensaiar outras maneiras de produzir, apresentar e ver teatro.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
